

Acordo para dívida fíca difícil no fim do governo

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — O secretário para assuntos internacionais do ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, reconheceu ontem que a circunstância de o Brasil estar com um governo em final de mandato reduz as chances de um acordo plurianual de redução da dívida externa, com amparo no Plano Brady. "É muito difícil engajar os bancos num programa que terá de ser cumprido em parte por outro governo, cujas diretrizes e prioridades são ainda desconhecidas", afirmou ele.

Apesar dessa dificuldade, Amaral refuta as versões de que o Brasil não terá tratamento prioritário dentro do Plano Brady. Segundo ele, nos contatos que o ministro Maílson da Nóbrega já manteve com o próprio Brady e outras autoridades do governo norte-americano, foi reafirmada a posição de que o Brasil "está no topo da lista" dos países a serem beneficiados.

DUAS ETAPAS

Sérgio Amaral, o principal negociador brasileiro junto aos bancos credores, afirmou que o governo definiu a estratégia para este ano em duas etapas. No primeiro semestre serão intensificadas as negociações com os bancos privados, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI) e governo japonês para resolver as pendências no relacionamento com o Brasil.

Somente no segundo semestre serão iniciadas negociações efetivas para a redução do estoque da dívida externa.

Para o secretário, o Brasil conseguirá, ainda este ano, acordos positivos para reduzir a dívida, embora reste pouco tempo para negociações neste governo. Ele prefere, no entanto, não falar sobre as expectati-

vas do governo. No passado, o País reduziu a dívida externa em cerca de US\$ 7 bilhões, através de vários mecanismos de conversão de créditos em investimentos.

Toda a estratégia do governo indica que os atuais responsáveis pela negociação com os credores internacionais estão preparando o terreno para que um acordo seja firmado, nas condições do Plano Brady, no próximo governo. E para que isso aconteça, é indispensável que se façam contatos com FMI, Banco Mundial e Clube de Paris, como exige o Plano do secretário norte-americano, cujos mecanismos para reduzir a dívida passam por programas de reestruturação econômica avaliados por estes organismos.

REUNIÃO

Sérgio Amaral falou também sobre a reunião dos ministros da área econômica do chamado Grupo dos Oito, que acontecerá no sábado, em Brasília. O secretário, que participará da reunião como técnico quinta e sexta-feiras, disse que, nessa reunião de ministros, será feita uma avaliação do quadro econômico dos países participantes e das perspectivas abertas pelo Plano Brady. Não se pensa em negociação conjunta da dívida, mas serão avaliadas as condições que os dévedores consideram necessárias para a implementação do Plano.